

> AS ESCOLAS DE SAMBA
E AS TRANSFORMAÇÕES
SOCIOCULTURAIS NO CARNAVAL
DE RIO NOVO: MEMÓRIAS E
REPRESENTAÇÕES DOS DESFILES
CARNAVALESCOS DE UMA PEQUENA
CIDADE DO INTERIOR DE MINAS
GERAIS (1960-1979)

Felipe ARAUJO XAVIER

> felipearaujoxavier@yahoo.com.br

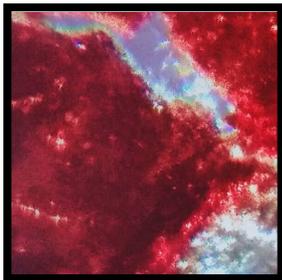
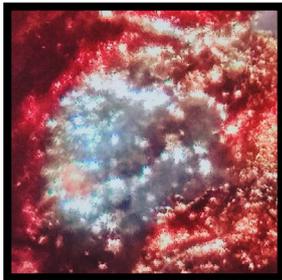
Doutor em História pela Universidade Federal de Juiz
de Fora

Resumo>

Este artigo tem como objetivo apresentar parte da história do carnaval de Rio Novo – MG, por meio dos depoimentos de foliões rionovenses de outrora, que retrataram em suas memórias o surgimento e a consolidação das Escolas de Samba no carnaval da cidade entre 1960 e 1979. Dentro dessa temática, abordo a organização racista e discriminatória do arranjo social dos clubes carnavalescos rionovenses, a crise do carnaval de clubes, a ascensão das Escolas de Samba dos negros e a consolidação do carnaval de rua e dos desfiles das Escolas de Samba como a principal atração da pequena cidade Rio Novo, procurando mostrar que esse desenrolar histórico minou parcialmente a tradicional segregação social e racial da cidade.

Palavras-chave>

Rio Novo; Carnaval; Escola de Samba; Memória;
História oral.



> AS ESCOLAS DE SAMBA E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NO CARNAVAL DE RIO NOVO: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DOS DESFILES CARNAVALESCOS DE UMA PEQUENA CIDADE DO INTERIOR DE MINAS GERAIS (1960-1979)

FELIPE ARAUJO XAVIER

> Universidade Federal de Juiz de Fora

Introdução

A dinâmica da História oral tem a peculiaridade de colocar o historiador como sujeito que participa da construção da sua própria fonte histórica por meio das entrevistas. Os depoentes, por sua vez, ao apresentarem suas memórias, têm o poder de se manifestar das formas mais variadas, com a capacidade de abrir horizontes inesperados e instigar os pesquisadores a tomarem novos caminhos, como acontece quando se descobre um documento desconhecido ou inédito.

Iniciadas com a intenção de estudar o Carnaval de Clubes de Rio Novo – pequena cidade da Zona da Mata mineira –, no período compreendido entre 1907 e a década de 1940, a pesquisa foi sendo tomadas pelo entusiasmo de muitos entrevistados, os quais se referiam ao surgimento das Escolas de Samba rionovenses e as mudanças ocorridas no carnaval da cidade durante os anos entre 1960 e 1970.

Naquele contexto histórico no qual os carnavais da cidade eram festejados nos clubes, havia uma forte segregação social e racial. Os clubes carnavalescos buscavam construir identidades baseadas nesse ambiente dividido entre ricos e pobres, brancos e negros. Dessa maneira, a elite de fazendeiros e comerciantes abastados frequentava o clube dos Renitentes Carnavalescos; os brancos dos setores mais populares da sociedade se deleitavam com os bailes do clube dos Explosivos Carnavalescos; o Clube Nosso É Outro, por sua vez, se empenhava em dissolver a discriminação e a segregação presente na cidade, aceitando foliões dos mais diversos grupos sociais; enquanto a maior parte dos negros, ávidos pela resistência e pelo reconhecimento de sua identidade e cultura, alegravam o clube Colar de Pérolas.

Dentre esses quatro clubes carnavalescos que existiram em Rio Novo, o memorialista Pavel (1965, p. 107) descreveu assim as três associações mais antigas,:

Os Renitentes Carnavalesco, em geral da classe mais abastada. Os Explosivos Carnavalescos de classe média. (...) Por fim, o clube Colar de Pérolas, de classe mais humilde, das boas e belas “morenas” que “rasgavam as fantasias” e num samba bem batucado varavam a noite até o raiar do dia.

Essas divisões sociais apresentadas pelos clubes, os quais mais tarde conviveriam e se distinguiriam socialmente das escolas de samba, refletem os conflitos e classificações dos grupos frente aos demais na sociedade, objetivando a imposição de uma determinada representação social.

Como ressaltou Chartier (1990, p. 17), os discursos e as percepções sociais são práticas parciais, os quais reproduzem estratégias e exercícios que buscam impor uma autoridade, legitimação ou justificação de um dado social. Dessa maneira, as representações revelam um campo de relações de forças concorrentes, as quais se fazem presentes, diversas vezes, nas interações sociais do carnaval dos clubes e escolas de samba rionovenses. Nesse ambiente, os grupos batalhavam para impor aos demais sua compreensão hegemônica de mundo, por meio de suas classificações e de delimitações dos oponentes.

A problemática desse tipo de epistemologia debruçada nas representações está no modo pelo qual os indivíduos, inseridos em seus grupos, apropriam-se dos diversos discursos propagados socialmente. Pois o mundo dos discursos e o mundo do sujeito são articulados entre si, e a maneira como a apropriação é feita pelo leitor afeta as normas de sua compreensão do mundo e de si mesmo (CHARTIER, 1990, p. 24). Sendo assim, ao se apropriarem subjetivamente dos discursos, os sujeitos tornam-se ativos e as informações são ressignificadas dentro das configurações intelectuais desses indivíduos.

Não obstante, esse carnaval e a organização social racista e segregante da cidade viria a ser parcialmente estremecidos pela ascensão das escolas de samba e seu espírito contagiante e agregador. Iniciadas com os batuques “crioulos”, o samba foi abrindo passagem, saindo das margens de Rio Novo para tomar a então Praça Marechal Floriano – antes conhecida como Largo da Matriz –, área que sempre exerceu papel central na sociabilidade rionovense.

Ali se concentravam as lojas, a farmácia, os hotéis, os barbeiros, os alfaiates, a padaria. A vida religiosa também se encontrava ali, na Igreja Matriz, que até o presente continua dividindo o espaço com o poder estatal da prefeitura municipal. Com o lazer dos cinemas, bares, desfiles e festas da comunidade não era diferente, pois tinham a praça como o principal lugar. A vida rionovense sempre girou e ainda hoje se desenvolve dentro da praça Marechal Floriano ou em seus arredores (CARMO, 2006, pp. 30-33).

Contornos esses frequentados de maneira particular pelos negros. Sendo entrevistado no arredor dessa mesma praça, mais precisamente nas escadas da prefeitura, Altivo Cândido (2009, [s.p.])¹ lembra com indignação do ambiente segregante rionovense, que

1 Conhecido popularmente como Tivim, Altivo Cândido brincou o carnaval rionovense desde os anos de 1930. Freqüentador do salão do clube *Colar de Pérolas*, durante sua juventude, participou da fundação das primeiras Escolas de Samba, *Unidos de Rio Novo* e *Sorriso da Melodia*, na década de 1960.

ocupava o espaço central da cidade:

(**Altivo...**) A Praça era cercada, por dois fios de arame [...]. Um embaixo, outro em cima. Da altura de 1 metro mais ou menos (...) então nós passeávamos em volta da praça, e a turma de gente branca, a turma de vocês, passeava dentro. Os brancos passeavam dentro da praça, e nós, pretos, passeava do lado de fora.

Felipe: Por quê?

Altivo: Porque se distinguiam as cores, tinha separação de cores (CÂNDIDO, 2009, [s.p.]).

Entretanto, a década de 1970 foi tomada por algumas transformações essenciais na cidade, que viu crescer seu número de habitantes num movimento contrário à queda do contingente populacional rural. A população urbana, ainda que acanhada, contabilizava 5.583 habitantes e a rural, 5.456. Nesse contexto, a elite rural rionovense, apesar de ainda concentrar a maior parte das riquezas da cidade, não era mais aquela da primeira metade do século XX, cuja produção de café e cereais colocara Rio Novo em posição privilegiada entre as outras pequenas urbes da Zona da Mata.

Esse município, que no início do século XX mantinha contatos restritos com o mundo externo, naquele momento tomou outro feitio, com a difusão dos automóveis, a organização do transporte público, o desenvolvimento da telecomunicação como o rádio, o telefone, a televisão, entre outras tecnologias que se tornaram mais comuns no país.

Em consonância com as mudanças, o carnaval rionovense também se modificou, deixando de ser uma festa de clubes, para tornar-se um carnaval de rua, no qual as escolas de samba se tornaram o grande destaque. Esse caminho histórico-social percorrido pelo samba em Rio Novo será o objeto de análise deste artigo, no qual retrato a reconfiguração do carnaval na cidade a partir do surgimento e consolidação das escolas de samba em meio à crise dos clubes carnavalescos.

Para embasar esta pesquisa, busquei colher depoimentos de personalidades locais que marcaram a construção dessa história, seguindo métodos criteriosos para gravações, que levaram em conta o modo como as perguntas e as respostas foram realizadas, nosso comportamento diante do entrevistado, expressões faciais e gestos, questões que podem interferir na condução, realização e interpretação das lembranças deles (ALBERTI, 2004).

Sendo assim, é necessário ressaltar que as recordações não formam a memória em si, mas a reconstituição subjetiva de uma determinada experiência a partir dela. O depoente, no processo de rememoração, tece uma teia entre suas vivências, compondo uma estrutura que se reorganiza a cada ato de relembrar, sendo esse enredo sempre passível de interferências do presente, permitindo que diversas questões passem pelo “filtro da censura individual” (FERNANDES, 2001, pp. 92 e 96). Entretanto, como afirmou Henry Rousso (2002, pp. 93-94), mesmo sendo um exercício psíquico de reconstituição do passado, a organização da memória está inserida no seu contexto social, tendo sempre seu caráter coletivo significativo.

Os desfiles dos blocos e o surgimento das escolas de samba de Rio Novo

Raquel Soihet (1998, p. 86), em sua obra *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*, apresenta uma análise das relações culturais do carnaval carioca, baseando-se em uma leitura sobre a circularidade cultural entre as camadas sociais, no período de repressão do governo de Getúlio Vargas. Trata-se de um estudo sobre o processo de resistência dos populares na instauração de sua cultura no universo carnavalesco carioca. Para a autora, a ascensão da cultura popular, feita por intermédio da valorização e do reconhecimento da cultura originalmente negra, teria sido fruto da resistência e da conquista de espaço dessa população para desenvolver suas manifestações.

Durante a década de 1920, o carnaval popular tomou paulatinamente os espaços públicos, com os ranchos, os sambas e as próprias escolas de samba, sobrevivendo ao contato com a cultura dominante. Como fruto desse contato cultural, os negros não só absorvem características da cultura dominante, mas também conseguiram manter o papel primordial no carnaval, já que, a partir de 1930, suas manifestações iriam se tornar sinônimo do carnaval carioca como um todo (SOIHET, 1998, p. 179).

Esse processo de valorização do samba e das escolas de samba cariocas tomaria proporções ainda maiores com o passar das décadas, sendo impulsionado pelas transmissões de rádio e televisão dos espetáculos cariocas e pela circulação de pessoas, as quais levaram aquele modelo ainda novo de festejar o carnaval para diversas partes do Brasil.

Não obstante, na pacata cidade do interior da Zona da Mata mineira, Rio Novo os desfiles dos blocos de clubes carnavalescos dominaram a cena até a década de 1960. Na bela e imponente mesa de madeira em um dos salões da sede da Fundação Chico Boticário, onde se encontra seu escritório, Brenildo Ayres do Carmo (2008, [s.p.])² recorda que durante o carnaval os clubes rionovenses realizavam os desfiles de seus blocos.

O desfile de um bloco era completamente diferente de um desfile de uma escola de samba. Somente moças desfilavam nos blocos. Só um homem desfilava no bloco, que era exatamente o porta-bandeira. Ficava na frente do bloco com a bandeira do clube. Esse porta-bandeira desfilava sozinho. (...) Somente moças formavam as duas alas dos blocos. Evidentemente, durante o desfile iam revezando de um lado para outro, dançando e cantando, todas elas, todo o bloco cantando (CARMO, 2008, [s.p.]).

O clube dos Renitentes Carnavalescos, reduto das elites rionovenses, apresentava o bloco das Pluminhas, nome recebido por ter sido a primeira agremiação a utilizar plumas como enfeite de suas fantasias luxuosas; nos Explosivos Carnavalescos, o bloco das Turmalinas era sempre ativo nas mais diversas recreações; no Colar de Pérolas, eram as Violetas

2 Foi um dos fundadores e responsável pelo Estatuto do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Barrabás. Atualmente é advogado e pesquisador da história de Rio Novo e da região da Zona da Mata mineira, sendo o diretor da Fundação Chico Boticário.

do Colar, famosas pelas suas vozes; já o clube O Nosso É Outro desfilava com seu grupo de damas, as Cigarras.

Essas apresentações traziam o êxtase carnavalesco aos expectadores foliões, que formavam as plateias para os cortejos que desfilavam no Largo da Matriz, fazendo com que os correligionários de diferentes grêmios e grupos sociais integrassem aquele único espaço público.

Como forma de prevenir os tumultos, as autoridades, com o apoio do policiamento, estipularam códigos e regras a serem cumpridos. Dentre elas, a organização sequencial dos desfiles, com horários para todos os blocos desfilarem sem maiores problemas.

Esses horários seguiam uma simbólica e significativa organização hierárquica, na qual os primeiros a saírem eram os mais humildes, o Colar, seguido de O Nosso É Outro e finalizando com os Explosivos (COELHO, 2008, [s.p.]), clube inicialmente frequentado pelos brancos dos setores mais populares da cidade e que acabou por assimilar as pessoas da elite, após o fechamento dos Renitentes na década de 1950.

Foi na década de 1960, em meio a uma atmosfera conflituosa, hierárquica e segregante, que surgiu a Escola de Samba Unidos de Rio Novo, “lá na rua da cadeia (...). Começamos a fundar, eu, Tivim, Antônio Coelho, Antônio Carvalho, Chicão e Jésus”; e “de lá da rua da cadeia nós passamos pra Vila Camargo” (GONTIJO, 2008, [s.p.]).

A origem da Unidos de Rio Novo carece de registros oficiais e sua história tem como principal fonte as lembranças de Antônio Coelho, percussionista e passista. Em 1961, indo de Guarani, cidade ali vizinha, onde “o samba toda vida tomou conta do carnaval”, o sambista veio morar no vilarejo de Furtado de Campos durante dois anos, quando começou trabalhar na ferrovia e a ter contato com o carnaval rionovense. Nesse período, frequentou os clubes carnavalescos Colar de Pérolas e O Nosso É Outro (COELHO, 2008, [s.p.]).

A ideia de começar a organizar uma Escola de Samba não tardou. Ainda na primeira metade da década de 1960, o samba da Unidos de Rio Novo já desfilava na praça, fazendo-se presente nas gargantas e no batuque dos tambores, surdos e tamborins.

A escolha do nome da agremiação sofreu forte influência das experiências de seu fundador no carnaval de Guarani. Segundo o depoente, lá já existiam duas escolas, ainda hoje ativas: Turunas do Humaitá e Unidos de Guarani. Por ironia, Antônio Coelho (2008, [s.p.]) manteve as cores amarelo e preto, da Turunas, agremiação na qual participava, mas se baseou no nome da sua antiga rival, porque “sabia que ia pegar melhor, na escola daqui, para o início, pra chamar mais a atenção do pessoal” e “ganhar a contribuição”.

Além das contribuições, diversas estratégias foram aplicadas na formação da carente “escolinha”. Nesse sentido, Maria Gontijo³, durante entrevista no quintal de sua residência, com um sorriso no rosto e com sua maneira bem-humorada de apresentar os fatos, relembra como ajudou na obtenção de alguns materiais para a confecção dos instrumentos da bateria:

3 Maria Aparecida Gontijo, conhecida como Maria Butija, foi frequentadora do clube Colar de Pérolas. Importante figura dentro da vida cultural dos negros, Gontijo se destacou como passista da Unidos de Rio Novo e foi a principal organizadora da Escola de Sorriso da Melodia, fundada em 1969.

E então começamos a fundar, Unidos de Rio Novo, (...) Aí começamos a desfilar. E eu, como sempre, catando latão de lixo. Latão de carbureto, eu catava, né. Aí as mulheres, donas do lixo corriam e gritavam: “Aí, tá roubando minha lixeira!”. [gargalha a depoente] Eu saía correndo. Aí pedia couro de boi nos currais. Aqui em casa ainda tem herança. Então, a gente fazia fileira ali embaixo, a oficina dos Zampa... aquela turma lá era sempre a minha disposição. (...) Eu sei fazer bateria, aí nós fazíamos (GONTIJO, 2008, [s.p.]).

Como recorda saudosamente Antonio Coelho (2008, [s.p.]), naquele contexto seu préstito começou timidamente, dividindo o espaço com os blocos carnavalescos, organizados dentro da típica e simbólica hierarquia:

Oh, cada um tinha a hora certa de sair. Então, saía primeiro o Colar. Era aquele negócio de dinheiro. Então, saía o Colar primeiro, que era o mais pobrezinho. Depois saía O Nosso É Outro, saía com bloco, saía com aquela papagaiada pela rua afora. E os últimos a sair eram os Explosivos, só gente grã-fina, então eram os donos da cidade. Depois dos Explosivos, saíamos nós, com a nossa Escolinha. Muitas vezes a gente cansava de esperar. (...) E saía pra desfilar, ia desfilando com a escola de samba, daí na hora que o bloco vinha, a gente era obrigado a encostar, polícia vinha, a gente tinha que encostar. O bloco passava, desocupava a rua e a gente continuava o nosso desfile.

Essa situação sensibilizava os integrantes da Unidos de Rio Novo a ponto de se tornar tema do samba “A nossa escolinha”, de autoria de Altivo Cândido e Antônio Coelho. Em entrevista na varanda de sua residência, o depoente afina a garganta e canta seu samba:

Olha pra nossa escolinha,
e veja que ritmo ela tem.
Não somos da primeira linha,
mas não temos medo de ninguém
Somos sim de Rio Novo,
amigos de verdade
No meio de gente bamba,
não pode haver dificuldade
É o primeiro ano que vamos desfilar
pra mostrar pros veteranos
que tudo depende é de lutar.
(COELHO, 2008, [s.p.]).

Após apresentar seu samba e o sentimento mais puro de saudade daqueles tempos, denunciada por seu olhar lacrimajante, Coelho permeou o depoimento com um diálogo

sobre o significado da letra da música. Quando pedi que comentasse o trecho “não somos da primeira linha,/ mas não temos medo de ninguém”, ele, com fala firme e enfática, disse:

Não temos medo de ninguém, porque eles falavam que ia passar por cima da nossa escola. Os outros, os blocos adversários, falavam que iam passar por cima. “Deixa eles saírem que nós vamos passar por cima deles”. Então, nós não tínhamos medo de ninguém, não! [Risos] E principalmente caçar briga, né. Caçar briga tinha vez que não tinha jeito mesmo. Mas graças a Deus era tudo quietinho. A gente dava espaço para os outros, quando dava espaço para a gente, a gente ia. (...) Era aquela rivalidade, mas, na hora que o bloco vinha, a gente tinha que desocupar a rua para eles, a polícia estava ali. A polícia estava ali para encostar a gente num canto, para o bloco passar. O bloco passava, e a gente pegava nossa reta (COELHO, 2008, [s.p.]).

Apesar dos afrontamentos e esbravejos, fica claro que a prioridade era mesmo dos préstitos dos clubes, os quais, naquele momento, dominavam os festejos momescos. Restava aos sambistas se submeterem aos mandos e desmandos da elite e da organização social já imposta para o carnaval tradicional.

E, nos desfiles da escolinha, além do samba estar em alto e bom som nas vozes dos integrantes, ele também era presença indispensável nos “pés”. Com a expressão “samba no pé”, o entrevistado exalta o desfile como uma verdadeira apresentação de dança. Não havia um só integrante, a não ser os da bateria, que dispensasse um bom gingado e um sagaz requadrado. “(...) aquele tempo era gostoso, hoje é luxo, carnaval hoje é luxo. Hoje (...) o samba no pé fica pra lá. Esqueceram dele. Naquele tempo, não! Era muito interessante o samba no pé. O ritmo e o samba no pé” (COELHO, 2008, [s.p.]).

Como eram poucos integrantes, cerca de 30 pessoas, a composição da Escolinha não atingia um alto grau de complexidade. Ela era composta essencialmente pela bateria, por seus assistentes, que iam apresentando o samba no gingado e na garganta, e a porta-bandeira e o mestre-sala, levando a bandeira da Unidos de Rio Novo (COELHO, 2008, [s.p.]).

O cortejo era separado por uma corda, dando limites para os sambistas e os espectadores do espetáculo rítmico. Essa estratégia também foi empregada nos desfiles da Escola de Samba Sorriso da Melodia, como relembra orgulhosamente, no terreiro da sua casa, Maria Gontijo (2008, [s.p.]), segundo quem a corda de proteção era importante,

Porque se não nós não podíamos sambar. O pessoal invadia. Os brancos bacanas invadiam. Ficavam tão doidos. Não sei se era com o ritmo da bateria ou se era com nós, que éramos umas crioulas boas sambando, né? As mulatas, cada uma com suas pernonas, uns peitão... Então, eu só sei que eles invadiam. Então, [o pessoal da organização] botava a corda, mas não adiantava, a polícia estava acompanhando, mas não adiantava. Eles invadiam assim mesmo.

Quando o assunto são as passistas, Antônio Coelho se lembra da presença ativa de Maria Aparecida Gontijo, como a rainha da Unidos de Rio Novo. Não obstante, anos depois de ter sido rainha e integrante da escola, ela viria a fundar, em 15 de agosto de 1969, uma nova escola de samba, a Sorriso da Melodia, tornando-se rival direta na apresentação do samba e na captação dos componentes dos demais préstitos.

Segundo Maria Gontijo, a Unidos de Rio Novo se manteve na Vila do Camargo, enquanto ela e outros foliões negros dissidentes foram fundar a Sorriso da Melodia no Arraial dos Crioulos. Mas “(...) aí tiveram uma briga lá [na Unidos de Rio Novo] também, e resolveram passar tudo pra cá. Aí ficamos unidos tudo de novo” (GONTIJO, 2008, [s.p.]).

Assim, a escola de samba Sorriso da Melodia despontava agora como a agremiação que levava o samba rionovense nativo para desfilar em meio aos blocos carnavalescos da cidade. Da mesma maneira que a formação da Unidos de Rio Novo esteve ligada às experiências de Antônio Coelho, a Sorriso da Melodia não estava separada da trajetória de vida de Maria Gontijo (2008, [s.p.]),

Porque eu sambava em Juiz de Fora, [na escola] Feliz Lembrança, o último ano que eu sambei, o samba foi a Tarantela, Mascarada Veneziana. Aí dali eu fui pra São João Del Rei, aprendi dançar congado. Aí de São João Del Rei eu vim pra Rio Novo. Cheguei em Rio Novo, nós começamos a ver os blocos e tal, aí eu cheguei, juntei uma turminha. Aí falei pro Tivim: “Nós podíamos fazer uma batucada pra nós”. Ele falou: “É mesmo, não é?”. Aí nós começamos.

Como Altivo Cândido lembra, a Sorriso da Melodia era representada pelas tonalidades vermelha e branca. As mesmas cores do Colar de Pérolas, clube com o qual a escola não tinha ligação alguma, mas que serviu de inspiração. Entretanto, a Mocidade Dependente de Rio Novo, escola que surgiu posteriormente, teria se apropriado dessas cores e a Sorriso da Melodia, que não as havia registrado, teve que trocar sua bandeira. Após esse evento, os sambistas do Arraial dos Crioulos passaram a desfilar com o verde e rosa em seus trajes, estandartes e bandeiras (CÂNDIDO, 2009, [s.p.]).

Maria Gontijo (2008, [s.p.]), por sua vez, relembra da utilização do chitão, de sacos de mauá e penas de galinha para a confecção das fantasias, assim como para a dos instrumentos da bateria, também frutos de muita destreza e astúcia, tanto para a obtenção dos materiais quanto para a produção da percussão. A sambista se aventurava no catar dos latões de carbureto, conforme relatamos. Já Altivo saía à captura de gatos para fornecerem o couro dos tamborins de madeira. Utilizavam também couro de cabritos, bois, entre outros animais, os quais, após secos e conservados em cal, eram esticados e pregados nesses latões, transformando-se nos instrumentos de percussão da Sorriso da Melodia.

Assim como a Unidos de Rio Novo, a riqueza dessa escola também estava no “samba no pé” e no batuque que regia o frenesi dos passistas. Durante a entrevista, a sambista se

propôs a incorporar a professora de outrora e demonstrou a metodologia que utilizava para iniciar suas mulatas no ritmo, riscando o chão do seu terreiro, numerando-o e explicando onde e de qual maneira as meninas deviam mover seus pés para dançarem como verdadeiras passistas.

Com integrantes na maioria das vezes descalços, calçados com sandálias ou com o que chamavam de “pé cata roda” – uma espécie de calçado improvisado, amarrado nos pés e canelas –, a escola saía com a benção do terreiro de Maria Gontijo até a praça, com seus passistas e ritmistas em plena ebulição. Ao chegar aos limites da praça, a Sorriso da Melodia parava na esquina do prédio da prefeitura municipal, para deixar os blocos carnavalescos finalizarem seus desfiles. Ao ver o caminho livre, davam uma ou duas voltas sambando e, logo depois, desciam para o terreiro da casa de Maria Gontijo, de onde saía a escola. “Para entregar o samba de onde saiu” (GONTIJO, 2008, [s.p.]). Com orgulho estampado no rosto, a sambista relembra:

Nossa Senhora, nossa escola era maravilhosa! E não tinha som [elétrico], você só ouvia aquele batuque da pesada mesmo. E as meninas? Você olhava no corpo, elas faziam o ritmo de cada samba que eu ensinava pra elas, no corpo. No tamborim, de tudo, estou um pouco meio enferrujada, mas ainda faço ritmo. Porque para cada bateria, a gente tem que ter o ritmo e saber atravessar. Entendeu? E minhas garotas sabiam, tudo bonitinhas, tudo com as pernas lindas. Era tudo bacana (GONTIJO, 2008, [s.p.]).

No cortejo havia uma maioria indiscutível de negros, porém ocorria uma rara e tímida inserção de participantes brancos, os quais se afeiçoavam à nova maneira de festejar o carnaval e quebravam parte das fronteiras sociais racistas presentes no carnaval rionovense. Amante do carnaval e apreciador de um samba de qualidade, João Pinheiro Neto (2009, [s.p.])⁴ lembra que a Sorriso da Melodia “era uma mistura, mas (...) prevalecia o negro (...)”. Segundo ele, que é branco, a maioria “crioula” não eliminava a participação dos brancos, e ele recorda de suas próprias investidas dentro do préstito e da necessidade de uma boa ginga para se inserir naquele grupo de sambistas rionovenses. Com um tom de voz que revela sua admiração pela história do carnaval e do samba rionovense, ele relembra:

Eu sambava com a Maria, com todo mundo, né, bicho?! Meu negócio era aquilo. Era a essência do samba. A melhor coisa do mundo era ver aquele samba da Maria, que ali era os rupestres todinhos, batendo em grande estilo e não parava um segundo. (...) Você botava um pano na cabeça e você já estava bem fantasiado, porque ali não existia luxo; existia samba no pé, entendeu? (NETO, 2009, [s.p.]).

4 Folião por excelência, frequentou clubes carnavalescos, e desfilou por diversas escolas de Samba de Rio Novo.

Entrevistada na sala de estar de seu casarão – o qual remonta à primeira metade do século XX –, uma das fundadoras da escola de samba Mocidade Dependente, Aretusa de Carvalho Gomide (2009, [s.p.])⁵, saudosista e bem humorada, também relata que, antes mesmo de ter ajudado na constituição da Mocidade, já se deleitava com os desfiles da Sorriso da Melodia.

Felipe: Você desfilava na Sorriso da Melodia?

Aretusa: Oh, e como! Não tinha outra. Não tem tu, vai tu mesmo! E pagava à Maria Butija. De graça não. [risos seguido de um tom de ironia em relação ao pagamento de uma “taxa” para desfilar] Tinha que chegar em casa e tomar um banho. Saía no meio daquela criou-lada e não queria nem saber.

Felipe: Então a maioria era negra?

Aretusa: Porque era a escola dos pretos, né? Era a Maria Butija e o pessoal da Vila França. Eu não estava nem aí. Não tinha preconceito. Ninguém nessa vida é melhor do que o outro. Hoje se a gente tem alguma coisa, eu acho que isso é acréscimo, quando você morre, não leva nada (GOMIDE, 2009, [s.p.]).

Essas recordações de Aretusa são reforçadas pelas lembranças de Altivo Cândido (2009, [s.p.]), que se recorda da atitude dela com admiração e gratidão:

Só entrava a Aretusa no nosso meio. Era tudo preto. Só entrava a Aretusa no nosso lugar. Pergunta a ela, se não entrava no nosso meio?! Só a Aretusa de branca no nosso meio! E nós ficávamos alegres, né? Nós, preto, e a Aretusa ali no nosso meio. Muito cheia de vida, né? Ela sambando no nosso meio, nós ficávamos tudo cheio de vida. Logo a Aretusa no nosso meio? Branca no nosso meio? Não entrava outro no nosso meio, não. Não entrava, não. Você acha que essa menina [Ieda Callian⁶] sentava aqui? Não sentava de jeito nenhum! Não sentava não! (...) Você estava aqui? Não! Não estava, não! Hoje tá aí, preto namorando branca, branca namorando preto, (...) mas antigamente não tinha nada disso não. (...) Era aquela separação de cor, né? (CÂNDIDO, 2009, [s.p.]).

Apaixonante, o samba não ficou arredio nas margens da cidade de Rio Novo. Saindo primeiro da Vila do Camargo e depois do Arraial dos Crioulos, o projeto negro das escolas desses bairros ganhou a graça da cidade. Resistindo ao preconceito e à discriminação racial, a Sorriso da Melodia atravessou a década de 1970, assistindo ao fechamento dos Explosivos e a decadência dos demais clubes carnavalescos, incapazes de colocar seus blocos na Praça

5 Foi a fundadora da Mocidade Dependente de Rio Novo. Em sua adolescência, teve uma experiência particular de trânsito nos mais diferentes clubes e escolas de samba, quebrando muitas barreiras impostas pela sociedade racista e segregacionista rionovense.

6 Ieda Callian, que era componente da organização da escola de samba Mocidade Dependente, ajudou na entrevista, tendo marcado e também participado das conversas com Altivo Cândido.

Marechal Floriano Peixoto.

Apesar das dificuldades da época e impulsionadas pela energia do samba, em meados da década de 1970 surgiram a escola de samba Mocidade Dependente de Rio Novo e, no ano de 1978, a Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Barrabás, fechando o processo de decadência dos clubes carnavalescos.

A ascensão das escolas de samba: Mocidade e Barrabás fazem o samba correr em Rio Novo

Com o final dos blocos carnavalescos e os festejos concentrados no Acauã Clube – grêmio que surgiu com um projeto de inovação e modernidade perante a crise estrutural dos antigos clubes carnavalescos –, os desfiles da Sorriso da Melodia se tornaram o principal evento do carnaval de rua de Rio Novo, cooptando a admiração de foliões dos mais diferentes setores da sociedade rionovense, ainda que de forma acanhada.

Influenciados pelo axé dos batuques e das danças dos negros, em meados da década de 1970, como já dissemos, a Escola de Samba Mocidade Dependente de Rio Novo surgia, preenchendo o vazio deixado pelo fechamento dos Explosivos⁷.

Entrevistado na varanda de sua casa, Dirval M. Pereira⁸ resgata esse evento com muita similaridade às reminiscências de Aretusa Gomide, lembrando os personagens que participaram da decisão de construir uma nova escola de samba, a Mocidade. Com fala delicada e voz suave, Dirval Pereira (2009, [s.p.]) acessa suas lembranças daquele momento:

Nós estávamos sentados lá no [bar do] Chico Januzzi. Eu, Aretusa, Ary de Paula... Do que me recordo, são os três. Então ficou assim, conversa de carnaval. E o carnaval não tinha mais nada. Não tinha carnaval de clubes mais, não tinha nada. Aí, eu trabalhando em Guarani, já com Milho Eto, ensaio da Turunas do Humaitá, chefe de bateria da Turunas do Humaitá. Aí conversa vai, conversa vem, carnaval de Rio Novo acabou. Aí eu já vendo a escola de samba sair, coisa e tal. Costumava bater na bateria repenique. Influenciado por aquilo, “falei não pode ficar assim!”. Aí dei a ideia: “Ó, Aretusa, ó, Ary, vamos fundar uma escola de samba em Rio Novo?”. Ela falou: “Pois não, Dirval! O que você tem de ideia? O que você acha que pode fazer?”. Eu falei: “Olha, o que podemos fazer é o seguinte: nós fazemos um acordo, eu, você e o Ary”. Não me recordo se o Tuzim estava. Tuzim do Zé Neto. “Então como é que, nós vamos fazer?” Eu falei: “Não temos instrumento, não temos roupas, não temos nada. Vamos pedir ao Olympio Araujo, da Escola Normal, o grupo ali, o ginásio lá embaixo. Vamos pedir os instrumentos emprestados e vamos ver se fazemos alguma coisa sair”. E assim fizemos.

7 Não obtive nenhuma referência do registro da fundação da Escola de Samba Mocidade Dependente. Consegui apenas dados informais de que ela teria sido fundada em 1975, não sendo, portanto, muito segura a veracidade deles.

8 Principal responsável pela organização da bateria que deu origem à Escola de Samba Mocidade Dependente de Rio Novo.

Após essa conversa, foi realizada uma reunião para a fundação da Mocidade Dependente, na qual se fizeram presentes Nielza, a proprietária da residência onde ocorreu a reunião, Haroldo Pinto, que mais tarde se distanciaria da agremiação para fundar a rival Barrabás, Ernesto Soares, Ildo, Braulinha, Selvinha, entre outras pessoas da cidade, cujos nomes puderam ser resgatados pelas memórias de Aretusa¹⁰ (GOMIDE, 2009, [s.p.])⁹.

Segundo Dirval, em seu primeiro desfile, a Mocidade se apresentou formada apenas por uma bateria, sem alas, nem porta-bandeira ou rainha de bateria. Reuniu-se uma turma, com seus instrumentos, vestidos os integrantes com calças e sapatos brancos.

Desse primeiro desfile em diante, a agremiação foi tomando corpo e se expandiu. Os foliões da cidade se interessaram pela escola, e aquela bateria cresceu cada vez mais, chegando a obter, em pouco tempo, 80 integrantes (PEREIRA, 2009, [s.p.]).

Entretanto, o projeto de formar uma escola de samba de grande distinção apenas se consolidaria *a posteriori*, com o surgimento de uma adversária de peso, a Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Barrabás. E o mesmo ocorreu com esta rival, que teria nascido e buscado maior dimensão a partir dos desfiles da Mocidade, especificamente, a partir do ano de 1977.

Isso fica bem claro na história contada por Cícero Vasconcelos de Abreu, na varanda de sua casa. Idealizador e primeiro presidente da Barrabás, ele também teve sua biografia entrelaçada com a história da instituição que presidiu, a começar pelo nome dela.

Tendo vivido boa parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde gostava de frequentar os carnavais, Cícero afirma ter começado a residir em Rio Novo no ano de 1976, quando abriu um bar na Vila Urca, bairro onde ainda reside. Ao registrar seu boteco, o proprietário chamou-o Bar Rabás, pelo fato de ter adquirido essa alcunha quando trabalhava como encarregado-chefe de uma firma carioca. Ele relembra, bem-humorado e sorridente, que nessa firma

tinha um camarada, Rói, muito safado! Aí chegava assim, pra mim – porque eu era muito chegado ao chefão lá – e dizia(...) “Vamos no Barrabás, que ele resolve”. Que era eu. [risos]. Aí ele vinha falar comigo e eu tinha muita amizade com o diretor. Aí chegava lá, amaciava (ABREU, 2009, [s.p.]).

Após aberto esse estabelecimento, no carnaval de 1977, Cícero teria assistido ao desfile da Escola de Samba Mocidade Dependente.

Aí eu fui ao carnaval, certo, assistir lá em cima. Chegando lá [na praça], eu vi. Passou a Mocidade. Ela saía da Rua Basílio Furtado. Eu assisti aquilo ali e vi. Eu falei com o Naldinho, (...) marido da

9 Segundo a depoente, essa lista de nomes dos fundadores se perdeu junto ao primeiro livro de atas. Daí a ausência, aqui, do nome de alguns dos participantes da reunião de fundação da Escola de Samba Mocidade Dependente de Rio Novo.

Celinha. (...) “Essa aí é a Escola de Samba daqui?” “Mas tem outra aí que é mais animada, que tem mais batucue.” [ele mesmo responde] – que era a [escola da] Maria Butija –. E a Maria Butija tinha umas dez a vinte pessoas mais ou menos. Então eu assisti aquele negócio. “Año que vem nós vamos fazer uma escolinha aí e vamos participar do carnaval!” (ABREU, 2009, [s.p.]).

Segundo o depoente, a ideia foi lançada nessa ocasião, porém o tempo foi passando, o cotidiano foi se restabelecendo após o carnaval e o projeto foi esfriando. Mas quando o carnaval novamente se aproximou, os frequentadores do Bar Rabás – “Nelinho, Amaral, (...) Brenildo, Aloísio, Julio César” – começaram a pressionar pela concretização do projeto de constituir uma nova escola de samba em Rio Novo (ABREU, 2009, [s.p.]). Então no dia primeiro de janeiro de 1978, a ideia começava a se materializar, na tradicional reunião boêmia do boteco, transformando-se em mãos que passaram a trabalhar em prol da nova agremiação. A vizinhança da Vila Urca apoiou, e muitas pessoas se dispuseram a ajudar na confecção das fantasias e das demais alegorias (ABREU, 2009, [s.p.]).

Por detrás da formação dessa agremiação vieram também os marceneiros e ferreiros, os quais se propuseram a ajudar e se tornaram verdadeiros artífices do carnaval. Tendo como vice-presidente da agremiação o senhor Julio César Costa – que trouxe toda a sua família de marceneiros, que tinham os pés na arte – e Fernando e Miguel Zampa, cujas suas oficinas eram voltadas para trabalhos com ferragem. Graças a eles, a Barrabás conseguiu um forte suporte para ultrapassar os entraves da escassez de tempo (ABREU, 2009, [s.p.]).

Foram confeccionados instrumentos à base de compensados, couro de boi, muita ajuda e destreza no manuseio da produção. Habilidade e arte que também foram o tempero para a produção do primeiro carro alegórico utilizado por escola de samba local. Seguindo o enredo do samba, que teve como tema central a própria cidade de Rio Novo e ainda se referiu, tangencialmente, ao Toco¹⁰. Netinho, irmão de Julio César Costa, produziu um sistema que representava a bica, com sua água em constante movimento. Essa “engenhoca” chamou a atenção dos foliões e ficou gravada na memória dos rionovenses (ABREU, 2009, [s.p.]).

Dessa maneira, o memorável carnaval do ano de 1978 contou com o desfile da Escola de Samba Sorriso da Melodia, da Escola de Samba Mocidade Dependente de Rio Novo e do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Barrabás. Entretanto, segundo Cícero, nem tudo naquele carnaval foi agradável. Cientes do projeto de formação da Barrabás, integrantes da Mocidade o procuraram com o intuito de promover um concurso apenas entre essas duas escolas, excluindo a Sorriso da Melodia da competição. Apesar de não ter recusado a proposta, Cícero conta que tal convite trouxe uma sensação de desvantagem porque a Barrabás, que havia sido formada há cerca de 20 dias, perante a Mocidade, que já produzia seus desfiles há alguns anos (ABREU, 2009, [s.p.]).

¹⁰ Trata-se de uma bica d’água que se encontra na Vila Urca, nos arredores do antigo Bar Rabás e na mesma rua da quadra da Escola de Samba Unidos de Barrabás. Reza a lenda que as pessoas que bebem a água dessa bica sempre retornariam à cidade de Rio Novo.

Nesse épico concurso, as agremiações desfilariam sob a avaliação de um júri, escolhido por integrantes das duas escolas de samba. O concurso foi presidido por Brenildo Ayres do Carmo, assessor do prefeito Hélio, que precisou se ausentar naquela ocasião.

Eu falei: “Senhor Hélio, eu não posso. Eu fui um dos fundadores do Barrabás”. Mas ele falou: “Você não vai ser jurado, você vai ser o presidente, você não precisa votar em nada”. Realmente, eu fui e não votei, mas acompanhei (CARMO, 2008, [s.p.]).

Cícero Vasconcelos de Abreu resgata com paixão os atos preliminares ao primeiro e simbólico desfile, no qual disputou a Taça de Campeã do Carnaval Rionovense de 1978, lembrando que se surpreendeu com o grau de organização atingido pela sua agremiação em tão pouco tempo. Segundo ele, rivais da escola, com ar de reprovação e em o tom irônico, chegaram a dizer: “(...) vai sair [no desfile de carnaval] uma turma de cachaceiros”.

Eu me senti surpreso porque saí ali do bar e disse “vamos lá pra cima, pega tudo”. Arranjamos um caminhão, levamos as coisas. A gente tinha passado um mês no Lelinho [para fabricar os instrumentos], porque os instrumentos não davam e tinha uma turma pra bater. E a turma que batia era tudo cara doidão. Era o Zezé Romrom. Era tudo daquela raça doida, bebedor de cachaça, como o Luizão que morreu aí. Só cara, Julio César, tudo cara... entendeu? Pecherrão, essa turma (...). E, no dia, fechei o barzinho aqui, que era o Bar Rabás, e aí vi aquele monte de gente. Muita gente mesmo! Tinha umas duzentas pessoas, mas tudo já com os adereços de mão. Eu tinha arranjado um jipe do Pecherrão, o cara fez o carro alegórico, arranjou um motor. A água saía do Toco. Tanto é que tem isso na letra: “Olha só, quem vem lá?/ É a Unidos do Barrabás, ... tem a água do Toco”. Tem um samba assim. E aquilo saiu. (ABREU, 2009, [s.p.]).

Em contrapartida, segundo ele, a Mocidade estava munida de fantasias bem trabalhadas e luxuosas, e uma bateria regida com excelência. As alas e destaques se apresentavam com alegorias dignas de apreciação pelo esmero e riqueza, que se constituíam como símbolos de distinção social. Quesitos que, para um apaixonado pela Barrabás, como Cícero, representavam uma característica de escola de samba “da elite (...) só com fantasia bonita” (ABREU, 2009, [s.p.]). Orgulhosamente, ele relembra:

E a Barrabás já saiu com essa potência de escola de samba, com uma bateria com quase 80 a 90 pessoas, tudo nego doido. É tudo nego doido, e batendo aquilo com uma força, com uma vontade (...) e o pessoal fazendo samba no pé, que não via. Antigamente saía – sabe como é que é? – (...) a Maria Butija tinha umas escurinhas... – porque a Maria Butija sempre foi considerada a passista – E ali as outras acompanhavam ela, tinha uma meia dúzia. E a Barrabás já entrou

com as alazinhas, ala muito grande não, 10 pessoas mais ou menos. E até que tinha um destaquezinho, as menininhas que saíam com aderecinho de mão, outras com outros adereços, o carro alegórico. Já saiu com o formato de Escola. E com um samba bonito, que chamou atenção, e com a empolgação das pessoas. E as pessoas, não sei se por ser... se sentir... Você sabe que as pessoas inferiorizadas, elas aplaudem, mas sentem receio. E talvez com a entrada do Barrabás, eles se acharam assim... Um pessoal mais humilde e com aquela empolgação, todo mundo cantando. Porque antigamente não se cantava nas escolas de samba. E a Barrabás fazendo tudo isso, entendeu? Foi uma coisa diferente. Aí entusiasmou as pessoas (ABREU, 2009, [s.p.]).

No calor dos batuques e do samba das duas escolas rionovenses, o júri foi composto por integrantes ligados a elas e pelo Dr. Luiz Enéias, médico recém-chegado na cidade, para fazer a votação em diferentes quesitos, como fantasia, bateria, samba-enredo, entre outros (ABREU, 2008; GOMIDE, 2009). Dotados de suas referências individuais e de valores pessoais, os componentes do júri demonstraram, em suas avaliações, uma aguda paridade entre as duas agremiações, expressa, de alguma forma, dentro do resultado das notas lançadas por eles, uma vez que, na contagem final, a Barrabás venceu por apenas um ponto de diferença (CARMO, 2008).

O empate no quesito bateria trouxe uma forte insatisfação para os integrantes da Mocidade, os quais acreditavam na superioridade de seu arranjo, assim como, pelas memórias dos foliões da Barrabás, que exaltam a grande superioridade das alegorias de sua escola perante a rival, a escola teria sido injustiçada nesse quesito. Em meio a tantas avaliações subjetivas, não havia como não gerar conflitos entre os grupos distintos.

Conscientes do fervilhar dos ânimos dos integrantes das duas agremiações, o júri concordou em publicar o resultado somente após o final do carnaval. Isso porque, depois dos desfiles de rua, os salões do Acauã Clube, do O Nosso É Outro e do Colar de Pérolas ainda esperavam os foliões para finalizarem o “Reinado de Momo” e corriam o risco de se tornar ringues para os mais exaltados (CARMO, 2008).

Segundo os entrevistados, tudo transcorreu muito bem até a publicação do simbólico resultado final, que dava a vitória à escola de samba que representava com mais afinco os populares, o “povão”, palavra que Cícero gosta de utilizar quando se refere aos integrantes da Barrabás. Diante desse resultado, alguns participantes das escolas de samba se mantiveram em pleno equilíbrio dentro daquele universo em desacordo, mas muitos se deixaram levar pelo ego, pelo nervosismo, pela raiva, alegria, tristeza.

Com um discurso divertido e permeado de ironia, Cícero afirma que parte dos rivais, entre prantos e reclamações, não aceitava o resultado. A sensação de derrota cortou os corações dos mais entusiasmados com a Mocidade e deu ímpeto para argumentos inoportunos, os quais buscavam refutar o resultado do concurso. Falando de maneira irônica, alegre e expressando orgulho em seu olhar pelo feito simbólico da sua escola, ele relembra:

Nossa, que choradeira! (...) Depois eles ficaram danados e diziam assim: “Poxa, o pessoal aqui é ingrato, vem um vendedor de cachaça – porque eu tinha bar –, um forasteiro, e o pessoal dá valor. E o (...) filho da terra, aquele negócio, o pessoal não dá valor.” (...) Nós ganhamos a taça, no final eles tiveram que comprar uma taça também para acabar com o choro dos apaixonados e até hoje tem essa disputa, esse “Deus nos acuda”, aqui (ABREU, 2009, [s.p.]).

Em verdade, para integrantes de ambas as partes os sentimentos não foram os mais serenos. Os mais exaltados até partiram para a agressão, enquanto outros esbravejavam insultos que atingiam a intimidade dos opositores, e outros até soltaram foguetes na direção dos rivais e de suas residências. Aretusa, da escola derrotada, expressando-se vagarosamente e com ar de indignação, relembra:

O dia em que o Barrabás foi desfilar, o desfile da vitória da escola, eu desci com o Roberto [marido da entrevistada] para aplaudir. Quando eu estava lá no Chico Januzzi. Mamãe sentava aqui [no sofá da sala de estar] pra ver televisão, minha tia aqui, e a Poluca pequena [a irmã mais nova] (...). Chega a Poluca com o olho arregalado: “Tusa, soltaram um foguete!”. “Dentro de casa?” “Não, ele [o foguete] foi para o lado da janela e estourou os vidros da última janela.” A gente então levantou de fininho, para a porta da delegacia (GOMIDE, 2009, [s.p.]).

Casos como esses, relatados por Aretusa Gomide, levaram a população rionovense, os órgãos administrativos da cidade e os próprios integrantes das escolas de samba, a optarem por não promover mais disputas. Numa cidade de proporções tão pequenas, o mal-estar ocasionado pelo concurso foi expressivo, razão pela qual a oposição à organização de novas competições se revelou uma unanimidade na memória dos entrevistados.

Não obstante, para o espírito otimista de Aretusa, a derrota de sua Escola se tornou um incentivo para melhorar paulatinamente seus desfiles, pois “(...) a vitória do Barrabás que fez o pessoal [dizer]... opa, ali nós temos que pelo menos igualar” (GOMIDE, 2009, [s.p.]).

E verdadeiramente é o que parece ter ocorrido. No ano de 1979, os integrantes da Mocidade, unidos no projeto de reconstituição da agremiação, lançaram sua escola de samba com dimensões bem maiores, alas mais elaboradas e alegorias ainda mais trabalhadas.

A “Mocidade Dependente” primou pelo luxo e bom gosto de suas fantasias e carros alegóricos. Não se apresentou muito bem no domingo, quando aconteceram imprevistos que prejudicaram a organização do desfile. Faltou gasolina no primeiro carro alegórico, o que

é lamentável... Desfile lento quase parado. Já na terça-feira, embora o mesmo carro tenha apresentado o mesmo defeito (mas sem causar atraso no desfile) a “Mocidade” se apresentou bem melhor, inclusive o samba-enredo sendo cantado pelos participantes, o que quase não aconteceu na primeira vez. A apresentação da terça-feira, foi, realmente, muito boa. Ponto alto nessa Escola, na opinião de muitos, foi as Ala das Bailarinas, meninas de seis e nove anos, que sambaram e cantaram de verdade (A GAZETA, 1979, p. 1).

Em contrapartida, *A Gazeta* (1979, p. 1) destacou a alegria, empolgação e primazia da engenhosidade dos carros alegóricos da escola vencedora:

A “Unidos de Barrabás” foi brilhante e empolgou a todos, cantando e sambando com entusiasmo. Grande apresentação do mestre-sala e da porta-bandeira. Lindo e original o carro alegórico com o pião, cata-vento e crianças soltando bolas de sabão, de acordo com o tema do samba-enredo. Um trabalho do Netinho, que é um artista.

Segundo Cícero, pelo fato de a adversária, inicialmente, ter sido um “bloco fechado”, a Barrabás conseguiu uma forte aderência dos mais diferentes setores da população rionovense, já que, segundo ele, nem todos podiam ou se sentiam bem participando dos desfiles da rival, chegando a afirmar a inexistência de negros na agremiação (ABREU, 2009). Essa sensação é compartilhada por Altivo Cândido (2009), o qual se refere ao cotidiano segregante rionovense afirmando que inicialmente a Mocidade também se embasou nessa “separação de cor” e somente com o passar dos anos houve a aceitação e mistura dos diferentes segmentos sociais.

Apesar disso, Dirval afirma que a Mocidade nunca foi fechada e que todos aqueles que desejassem integrar sua bateria eram bem aceitos, tanto os que já tinham intimidade com os instrumentos, quanto aqueles que ambicionavam aprender a tocá-los. Como a própria Maria Gontijo afirmou, no final de sua escola de samba (Sorriso da Melodia), grande parte da bateria migrou para a Mocidade. Antônio Coelho (2008, [s.p.]) também se refere à união entre brancos, negros, pobres e ricos na Mocidade: “desde que acabaram os blocos, que os blocos param de existir, aí misturou. Parece que o pessoal foi evoluindo. Aí foi misturando, aí misturou com qualquer cor”.

O fato é que ,em meio a essas transformações dentro do carnaval rionovense, veio a modificação da própria organização de escola de samba – agora com alas, carros alegóricos, adereços, entre outros atributos –, a qual a humilde e natural “Melodia” daquele antigo “Sorriso crioulo” não conseguiriam acompanhar. As palavras saudosas de João Pinheiro são tristes testemunhas disso:

Foi muito hilária uma época que botaram o Sorriso da Melodia pra

sair, aí botaram um carro alegórico, porque as escolas tinham um carro alegórico. Saiu um carro alegórico das baianas do Calixto... do Calixto não, lá do Caranga¹¹. Aí elas vestidas de lavadeira, botaram até a Maria Butija vestida de lavadeira em cima do carro. Caramba, desvirtuou, acabou assim, nunca mais [ela] saiu no carnaval. Foi a última vez, foi a derradeira, sabe, foi horroroso. Querer institucionalizar uma escola tradicional de pé no chão, de “samba no pé”, botar umas alegorias baratas que não fazem parte daquele grupo, valeu?! Eu achei aquilo pedante, tanto que morreu a Escola da Maria Butija. Podia estar aí, até nos nossos dias concorrendo com as nossas escolas, porque ali tinha samba no pé, samba em todos os lugares. A galera que vinha com samba na alma mesmo. Era muito maneiro. (...) Não tinha como ficar só com dois pra lá dois pra cá, que não rolava. Era maneiro, era maneiro! (NETO, 2009, [s.p.]).

Além disso, a superioridade do poder aquisitivo dessas novas agremiações se tornou visível. A Sorriso da Melodia sofreu com essa concorrência, na qual muitos dos integrantes saíram para compor as novas escolas de samba. Maria Gontijo revela que sua preferência atual pela Barrabás se explica por um dos fatores que levaram ao fim de sua Escola: a debandada de seus integrantes para a Mocidade, que podia oferecer uma melhor condição para os antigos bateristas Sorriso. Demonstrando certa indignação, ela conta:

Lá ela [a Aretusa] pagava 500 réis, né? Dava uma bebidinha, um vinho, uma coisa a mais. Aqui embaixo era só cachaça, minhas meninas, guaraná. Que o Zé Dias, José Mageste Ferreira, ele, o botequim dele, o bar dele na praça era livre pra mim. Dava guaraná pra turma e cachaça. Mas lá não, lá tinha um vinho, uma cervejinha. Naquela época uma cervejinha, o pobre não podia tomar. E aí a turma foi passando [pra lá]. Então, eu também fui diminuindo. E minhas amigas também foram casando, outras foram morrendo, só eu que estou dura na queda, né? Ainda não bati a cachuleta, graças a Deus. Aí eu fui terminando com a Escola, mas tem hora que me dá vontade de levantar ela de novo. Mas eu não vou encontrar mais sambista como eu encontrava (GONTIJO, 2008, [s.p.]).

Seja como for, aquele carnaval de 1979 se revelou como o ano no qual as festividades do carnaval de rua em Rio Novo se consolidaram sob outro viés. Os blocos carnavalescos não se apresentaram, e as energias dos foliões foram direcionadas para as escolas de samba. A ponto de, já naquele ano, surgir outra agremiação, a Unidos das Paineiras, “que poderia denominar-se Unidos do Samba, pois reuni elementos das duas Escolas”, Mocidade e Barrabás (*A GAZETA*, 1979, p. 1).

11 Refere-se ao Caranguejo, ribeirão que corta a área referente ao antigo Arraial dos Crioulos.

Considerações finais

Na década de 1960, apesar de prevalecerem os desfiles dos blocos carnavalescos e os festejos nos salões dos clubes, o carnaval começou a ser reinterpretado e reordenado pelos foliões. A inserção da escola de samba como um novo modelo de folguedo começou a atrair cada vez mais foliões, principalmente entre os negros, que até então frequentavam os clubes Colar de Pérolas e O Nosso É Outro, e seus respectivos blocos.

Com a escola de samba Unidos de Rio Novo e, logo depois, a Sorriso da Melodia, o samba se fortaleceu entre os negros rionovenses, em especial, da Vila Camargo e da Vila França, antigo local denominado como Arraial dos Crioulos. Sem pedir autorização, expandiu-se para outras regiões e segmentos sociais.

Em um momento no qual os clubes carnavalescos entravam em crise financeira, paulatinamente a população foi aderindo a esse ritmo que vinha embalando a dança dos foliões, que, assim, deixavam as marchinhas cada vez mais de lado.

Em meados da década de 1970, o samba subiu até a praça para fundar a Escola de Samba Mocidade Dependente. Apesar do seu projeto de interação e quebra das barreiras sociais entre “crioulos” e “brancos”, a escola, como vimos, contou com a presença majoritária do último grupo.

Anos mais tarde, em 1978, a Vila Urca também foi dominada pelo ritmo dos tambores, repeniques e tantãs, e outra escola de samba emergiu, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Barrabás. Com uma forte adesão da população rionovense, essa agremiação conseguiu promover uma maior interação entre os segmentos sociais distintos, rompendo consideravelmente as barreiras discriminatórias construídas entre negros e brancos, ao concentrar o que Cícero Vasconcelos de Abreu chamou de “povão”. Não por coincidência, um ano depois, surgia a Escola de Samba Unidos das Paineiras, a qual já refletia a solidificação da interação entre foliões das escolas rivais e dos distintos grupos sociais. Nesse momento, Rio Novo começava a respirar um ar, ainda que rarefeito, de confraternização e convívio entre parte dos diferentes segmentos sociais no carnaval. E os discursos veiculados pelas mídias sobre os novos imaginários sociais ecoavam nos folguedos carnavalescos de Rio Novo.

A união começava a se tornar um dos lemas. O convívio se solidificava, as instituições se abriam, a resistência da cultura negra surtia efeito e o samba se tornava hegemônico no carnaval da segregação. O carnaval rionovense e suas instituições paulatinamente se tornavam aglutinadores dos distintos setores sociais, ajudando a reordenar o próprio cotidiano da cidade na diminuição das fronteiras sociais entre negros e brancos, pobres e ricos, mesmo que essa ignomínia se faça presente na sociedade rionovense, ainda hoje.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CARMO, Brenildo Ayres do. Na mesma Praça. História, fatos e lembranças. **História e cultura dos Sertões do Leste: Revista Chico Boticário**, Rio Novo, jan. 2006, pp. 30-37.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre as práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

FERNANDES, Tania Maria. Edição de entrevista: de linguagem falada à escrita. In: MONTENEGRO, Antônio Torres; FERNANDES, Tania Maria (orgs.). **História oral: um espaço plural**. Recife: Universitária, 2001, pp. 91-98.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, pp. 93-101.

SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

DOCUMENTOS

PÁVEL, Benjamim. **Besta de sela – memórias romanceadas**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1965.

A Gazeta. Rio Novo, 11 de março de 1979. S.l.: s.n. [cópia da página 1]. Arquivo da Fundação Chico Boticário, Rio Novo, MG.

FONTES ORAIS

ABREU, Cícero Vasconcelos de. Entrevistadores: Felipe Araújo Xavier e André Colombo. Local da entrevista: residência do entrevistado. Rio Novo, Minas Gerais. 24 de julho de 2009.

CÂNDIDO, Altivo. Entrevistadores: Felipe Araújo Xavier e Ieda Callian. Local da entrevista: Praça Marechal Floriano. Rio Novo, Minas Gerais. 4 de outubro de 2009.

COELHO, Antônio. Entrevistadores: Felipe Araújo Xavier e André Colombo. Local da entrevista: residência do entrevistado. Rio Novo, Minas Gerais. 16 de julho de 2008.

CARMO, Brenildo Ayres. Entrevistador: Felipe

Araújo Xavier. Local da entrevista: Fundação Chico Boticário. Rio Novo, Minas Gerais. 11 de agosto de 2009.

GOMIDE, Aretusa de Carvalho. Entrevistadores: Felipe Araújo Xavier e André Colombo. Local da entrevista: residência da entrevistada. Rio Novo, Minas Gerais. 23 de março de 2009.

GONTIJO, Maria Aparecida. Entrevistadores: Felipe Araújo Xavier e André Colombo. Local da entrevista: residência da entrevistada. Rio Novo, Minas Gerais. 14 de julho de 2008.

NETO, João Pinheiro. Entrevistador: Felipe Araújo Xavier. Local da entrevista: residência do entrevistado. Rio Novo, Minas Gerais. 12 de maio de 2009.

PEREIRA, Dirval M. Entrevistadores: Felipe Araújo Xavier e Ieda Callian. Local da entrevista: residência do entrevistado. Rio Novo, Minas Gerais. 4 de outubro de 2009.

THE SAMBA SCHOOLS AND THE SOCIOCULTURAL TRANSFORMATIONS OF THE RIO NOVO'S CARNIVAL: MEMORIES AND REPRESENTATIONS OF THE CARNIVAL PARADES OF A SMALL CITY IN THE INTERIOR OF MINAS GERAIS (1960-1979)

Abstract

This paper aims to present part of the carnival history of Rio Novo-MG, through the testimonies of the olds merry-makers of the Rio Novo that portray in his memories the emergency and consolidation of the Samba School in Rio Novo carnival, between 1960 and 1979. Within this topic, I approach the racist and discriminatory social organization of the Rio Novo society and of the social arrangement of the carnival clubs of the Rio Novo, the carnival clubs crisis, the rise of the blacks Samba School, and the consolidation of the street carnival with the Samba School parade as main attraction of the small city Rio Novo, historical development that eroded part of the traditional social and racial segregation of the Rio Novo's society.

Keywords:

Rio Novo; Carnival; Samba School; Memory; Oral History.

RECEBIDO EM 04 DE ABRIL 2018

APROVADO EM 25 DE JUNHO DE 2018